

A COBRA DO LAGO DO CUNIÃ: ESTUDO COMPARATIVO DE UM MITO ETIOLÓGICO NUMA SOCIEDADE EM TRANSFORMAÇÃO

Valdir Vegini

Professor Doutor da Universidade Federal de Rondônia

Rebecca Louize Vegini

Aluna do curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal de Rondônia

Recebido em: 23/04/12

Aprovado em: 11/05/12

RESUMO

O trabalho pretende realizar um cotejamento entre duas narrativas que tratam de um mesmo mito, o da “cobra grande do poço preto do lago do Cuniã”, produzidas num espaço intervalar de dezesseis anos, ou seja, a primeira em 1993 e a segunda em 2009, e demonstrar que, apesar do curto período de tempo que as separa, a última narrativa, por conta do acelerado processo de mudanças sociais vivido pelos moradores das cercanias desse lago, já contém vestígios de adaptação à nova realidade social e ambiental. Como resultado do cotejamento, parece ter ficado evidente que a) o material do mito é o material da nossa vida, do nosso corpo, do nosso ambiente; b) uma mitologia viva, vital, lida com tudo isso nos termos que se mostram mais adequados à natureza do conhecimento da época; c) a mudança social tem seus reflexos mais evidentes na narrativa produzida em 2009”; a dinâmica da transformação do comportamento das personagens resulta da mudança dos vínculos de estados intencionais no segundo relato examinado.

Palavras-chave: Tradição oral. Etnicidade Amazônica. Textos orais. Mudanças sociais. Mitologia Amazônica.

THE SNAKE OF THE CUNIÃ LAKE: A COMPARATIVE STUDY OF ETIOLOGICAL MITH IN A CHANGING SOCIETY

ABSTRACT

The work intends to carry out a comparison between two narratives dealing with the same myth, that of "big snake pit Black Lake Cuniã" produced in a space interval of sixteen years, the first in 1993 and second in 2009, and demonstrate that, despite the short period of time that separates them, the last narrative, due to the accelerated process of social changes experienced by the residents of the vicinity of this lake, it contains traces of adaptation to new social and environmental reality. As a result of mutual comparison seems to be evident that a) the material of myth is the stuff of our lives, our bodies, our environment, b) a living mythology, life, dealing with all this interns that are more suitable for nature of knowledge of the time, c) social change has its most evident in the narrative produced in 2009", the dynamic behavior of the transformation of the characters change results from the intentional states of the bonds of the second report examined.

Keywords: Oral tradition. Ethnicity Amazon. Oral texts. Social changes. Amazon mythology .

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização e objetivo

Campbell (1997) apresenta em seu livro “As transformações do mito através do tempo” uma coleção de treze palestras, ministradas quase no final de sua vida, que examinam o vasto campo do desenvolvimento da mitologia em todo mundo e em todas as épocas. Para os fins a que se destina este artigo, o primeiro parágrafo do primeiro capítulo apresenta-se desse livro se mostra expressivo: “*O material do mito é o material da nossa vida, do nosso corpo, do nosso ambiente; e uma mitologia viva, vital, lida com tudo isso nos termos que se mostram mais adequados à natureza do conhecimento da época*” (CAMPBELL, 1997, p. 7). Com esses dizeres, o autor insere na temática mitológica a questão espaço-e-tempo e, por conseguinte, também a questão social vivida por seus formuladores. O amálgama dinâmico desses três componentes, a vida, o corpo e o ambiente, forma o material que vai se refletir nas narrativas de cunho mítico. A esse respeito, Ferreira Netto (2008, p. 73) afirma: “[...] *a mudança social tem seu reflexo nas narrativas produzidas*” e, “*caso não passem por esse processo de adaptação à nova realidade, perderão completamente a credibilidade e serão transformadas em formas folclóricas, caso se mantenham existindo.*”

A partir dessas informações é que se traçou o objetivo deste artigo: cotejar duas narrativas que tratam de um mesmo mito, o da “cobra grande do poço preto do lago do Cuniã”, produzidas num espaço intervalar de dezesseis anos, ou seja, a primeira em 1993 e a segunda em 2009, e demonstrar que, apesar do curto período de tempo que as separa, a última narrativa, por conta do acelerado processo de mudanças sociais vivido pelos moradores das cercanias desse lago, já contém vestígios de adaptação à nova realidade social e ambiental.

1.2 Fundamentos teóricos

Ferreira Netto (2008, p. 73-83), citando Bruner (1991), MacLuhan (1979) e Reis (1998), faz um estudo de alguns contos consagrados e as motivações que desencadearam suas transformações ou adequações. Essa análise parece altamente adequada para nortear o cotejamento a que se propõe fazer entre as duas narrativas mencionadas acima. Para o desenvolvimento de sua reflexão, o autor divide o trabalho em duas seções, a saber: a) A adequação dos modelos comportamentais exemplares; b) A

substituição dos meios de comunicação. Essa subdivisão e seus desdobramentos teóricos parecem altamente adequados para nortear o cotejamento a que se propõe fazer.

1.2.1 A adequação dos modelos comportamentais exemplares

Segundo Ferreira Netto, dentre as diferentes possibilidades de adequação dos modelos comportamentais exemplares, pode-se mencionar as histórias especialmente referidas por Malinowski (1988) e publicadas nos anos vinte do século passado, quando propôs sua tripartição em contos, lendas e mitos. Na medida em que narrativas apresentam suas personagens como representações simbólicas do ambiente social, sua manipulação permite o estabelecimento de modelos comportamentais a partir dos quais os membros da sociedade podem avaliar seu próprio comportamento e verificar o alinhamento entre eles. Citando Bruner (1991), Ferreira Netto (2008) observa que a dinâmica da transformação do comportamento das personagens resulta da mudança dos vínculos de estados intencionais. Assim, afirma o autor, qualquer que seja a natureza das personagens atuantes numa história exemplar, suas ações estão sempre voltadas para um propósito comum entre os membros da sociedade. O sucesso ou o insucesso das ações das personagens associam-se a suas consequências emocionais tais como frustração, raiva, desejo, alegria etc. E conclui: *“Ainda que não estejam claramente manifestas, elas podem ser previstas e, virtualmente, experimentadas.”* (FERREIRA NETTO, 2008, p. 73) .

1.2.2 Influência dos meios de comunicação

Com base na proposição de McLuhan (1979) de que os meios de comunicação podem amalgamar-se formando recursos cada vez mais complexos, e na de Bruner (1991) em relação ao pensamento narrativo, Ferreira Netto (2008) classifica a mídia em dois níveis: baixo (especialmente as características materiais da transmissão como as ondas sonoras, eletromagnéticas, o papel, o lápis, a tipografia, a documentação magnética etc.) e alto (as características compostas por diversas camadas de significação como os gêneros textuais, as personagens das narrativas, os recursos estilísticos etc.). Esses meios, segundo o autor, permitem uma gama muito grande de níveis intermediários, mas, em todos eles, o procedimento para a mudança das narrativas tem o mesmo princípio da formação em camadas, cujas novas características decorrem do acréscimo ou da supressão de características do nível sobre o qual se construiu o novo meio. Para exemplificar, Ferreira Netto (2008) cita a narrativa grega “Bóreas e o Sol”, compilada por Esopo, e a narrativa taulipang “Onça e Chuva”, compilada por Koch-Grünberg ([1953] 1916). Na de Esopo, Bóreas (o vento) e o Sol disputam entre si suas forças tentando

despir um homem. O vento só faz o homem agarrar-se ainda mais às suas roupas; o Sol produziu ação contrária. Na de Koch-Grünberg, a onça ronca forte para assustar, mas o que consegue é receber flechadas dos homens; a chuva, ao contrário, com facilidade faz com que as pessoas voltem para a maloca. Entre ambas há adequações diversas, mas não há mudanças nos vínculos de estados intencionais, o que garante a identificação das narrativas. Por outro lado, enquanto a personificação desses elementos é comum em várias narrativas indígenas, não é a forma concomitante como se apresenta no texto de Koch-Grünberg. Ferreira Netto (2008) cita o esquema de Bruner para tentar esclarecer a questão. Segundo esse autor, a “verdade” narrativa é julgada por sua verossimilhança e não por sua verificabilidade. Assim, uma narrativa, mais do que referir a “realidade”, ela pode criá-la da mesma forma que a “ficção” cria um “mundo” para si própria. No caso particular dos taulipang, afirma Ferreira Netto (2008, p. 81),

há que se pensar em qual contexto mítico, divino ou religioso seria possível localizar a narrativa tal como foi proposta. A introdução de um novo traço, a concomitância de estados intencionais e particularidades tão diferentes como a chuva e a onça possibilita o estabelecimento de novas interpretações dos próprios fenômenos meteorológicos.

1.2.2.1 A mudança tecnológica e os novos papéis sociais

Para discutir esse tema, Ferreira Netto (2008) faz referência ao trabalho de Reis (1998), que analisa o impacto do surgimento da televisão na cidade de São João de Pirabas, no Pará, no ano 1996. Na descrição da cidade, o autor enfatiza as relações sociais mantidas pelo contato interpessoal entre os seus habitantes. Segundo ele, no início da noite, os moradores jovens da cidade participavam de uma atividade externa a que chamam de movimento na qual todos podem se encontrar. A presença da televisão, entretanto, promoveu uma mudança na rotina daquela população mantendo jovens e adultos dentro de casa para não perder a novela. Com isso, a atividade externa do movimento diminuiu significativamente. Mais do que uma mudança de hábito, o acesso constante à nova informação promoveu na cidade a reavaliação dos papéis sociais disponíveis para os seus cidadãos. Assim, por exemplo, uma moça optou pelo ofício de empregada doméstica em Belém interessada na possibilidade de mudança para uma grande cidade; um rapaz optou por uma carreira fora da cidade onde nascera já que, segundo ele, sua educação escolar não compatibilizava mais com a de um pescador; outra moça salientou que iria se vestir à semelhança das personagens da novela porque não queria mais se “vestir como um bicho-do-mato”. Segundo Reis (1998), a mudança nos padrões de avaliação que verificou na cidade de São João de Pirabas teve origem na presença dos aparelhos de televisão cuja programação deu-lhes acesso a novos paradigmas comportamentais. A mudança, portanto, decorreu da possibilidade

de acesso a uma rede de significações que suprimia a idealização dos comportamentos locais e acrescentava a idealização de outros comportamentos praticados em centros urbanos muito mais densamente povoados. O fato da mudança de paradigmas ter sido motivada pela inserção tecnológica de origem externa à sociedade pirabaense confirma o que MacLuhan (1979) previra: o meio pode atuar como transformador de papéis sociais que, por sua vez, atuam como formas exemplares de comportamento.

2 METODOLOGIA

2.1 Contextualização e formação do *corpus* de análise

Em 2009, em trabalho de campo com os moradores das cercanias do lago do Cuniã (interior do município de Porto Velho), foram gravados relatos de diversos matizes com mais de uma dezena de informantes voluntários entre os quais o narrado pelo informante João da Silva, 50 anos, de origem nordestina, nativo da “Reserva Extrativista do Lago do Cuniã”, que aborda o “*mito da cobra grande do poço preto do lago do Cuniã*” (1). Posteriormente, inserida nas páginas do livro de Caldas (2001, p. 39-45) encontrou-se outra versão do mesmo mito resultante, segundo esse autor, de uma entrevista que ele realizou em 1993 com Francisco de Paula, o Chico Paula, “*morador do lago do Cuniã, com idade aproximada de 70 anos, de origem nordestina, parente dos moura (2), ex-seringalista, ex-garimpeiro, pescador e caçador panemado*” (CALDAS, 2001, p. 39) (q.v. item 3.1). São esses dois relatos, pois, o objeto de cotejamento e análise deste artigo.

3 O *CORPUS* DE ANÁLISE

A cobra do poço preto segundo Chico Paula: (narrativa registrada em 1993) (3)

Aqui no fundo do lago tem Encante também. Lá no fundo d'água eles fazem festa... dançam. Um cara me falou que ali em cima... uma vez... tava deitado e ouviu os cabras tocando: “TAREM! ... TAREM!”. Eles estavam cantando no fundo d'água ... defronte do Poço Preto .. pró lado onde mora um velho chamado João Roque ... de noite os cabras tavam tocando e cantando no meio do lago. Ele disse que foi espirar e não viu ninguém ... só pode ser o Encante que tem aí. A cidade encantada no fundo do lago deve ser a coisa mais linda do mundo.... um encanto mesmo. Já diziam os antigos que é a coisa mais linda. As pessoas são encantadas ... elas viram qualquer coisa ... qualquer coisa o encantado vira... um Boto ... uma cobra ... qualquer bicho ... qualquer coisa mesmo. Mas não e sabe porque se encantaram não. [...]. Aqui no lago tem também uma cobra num lugar chamado Poço Preto ... que é encantada ... dizem que é um dos Moura que se encantou ali ... mas se

ela fosse uma cobra braba o primeiro que tinha passado na barriga dela era eu. Ela vive aí ... mas nunca mexeu com ninguém. Já vi uma vez boiando ... eu mais o João Prata ... nós vimos a cabeça dela boiando lá onde é o poço ... ela é grande ... a cabeça dela é mais ou menos assim do tamanho desses meus dois braços abertos ... grande mesmo. Nós íamos pegar tucunaré lá do outro lado ... eu olhei e tava aquele troço boiando lá no meio do lago. Eu disse: “Olha João ... a cobra tá boiando ali”. “Cadê?”. “Olha a tronqueira acolá!”. “É nada rapaz!”. Eu disse: “É sim!”. Bom ... eu olhei e já não tava mais.... “Eu digo que era ela! Agora atravessa o lago que eu quero ver!”. Nós arrudeamos lá pelo barreiro e de lá varamos pró lado das bandas do Ernesto e viemos por esse lado. Não viemos por lá de jeito nenhum. E era ela. Um dia um sujeito passou de avião ... ela estava de meia água ... então ele baixou o avião prá ver direito. Ele disse que é uma coisa grande ... dizem que é uma cobra sem feitio ... ela não vai sair daí não .. vai ficar aí todo o tempo ... é a dona daqui do lago. Aqui nesse Cuniã ninguém nunca vai prá diante ... acho que a Cobra Grande não quer. Eu sei é que nada dá certo. Não sei quantos comerciantes já vi nesse Cuniã desde quando eu me entendo de gente e nunca nenhum deles foi prá frente. Ele vai prá frente e dá prá trás ... e dá prá trás que às vezes fica de nada. O dono desse lugar aí eu conheci ele com uma loja e uma taberna. Tinha de tudo. Comprou uns gados de minha mãe ... botou por aí ... e o gado dele aumentava ... aumentava ... quando chegava naquele instante o bicho morria ... ficava naquele tatinho que era. A taberna foi dando e ele arrumou um seringal ... tinha muito freguês cortando seringa ... pegando muita borracha ... muita sova ... e tinha o comércio dele .. aí foi dando prá trás ... foi dando prá trás ... ficou sem nada ... sem nada ... nada ... nada ... acabou-se a loja do homem ... e o gado não passou de cinco cabeças ... tinha vinte cabeça de rês e morria ... morria e ficava naquele tantinho que era e afinal ele foi embora daqui. Vendeu o lugar e foi embora porque não tava dando dinheiro ... mas ele era trabalhador ... só não trabalhava de noite porque de noite não se enxerga senão. [...] Não sei se é verdade ... mas no mundo existe muita coisa.

Cobra do poço preto segundo João da Silva (narrativa registrada em 2009 pelos autores deste artigo)

A índia Cuniã, rapaz, eu não sei bem direito essa história, não me... rrsr. Falam que tem uma cobra grande aqui no Cuniã, que é a dona do Cuniã. Botaram o nome de Cuniã porque ela é..., o nome dela é Cuniã. Então, tudo o que o Cuniã aqui projeta nada dá certo. Só que aí esse Cuniã vem de muitos anos e os projetos que a gente faz não dá em nada. É ela quem manda. A gente nasceu aqui, a gente se criou aqui, a gente convive aqui muitos anos. Aí tem tempo que a gente vai tão bem, mas daí os negócios dão pra trás, né! Conheci meu pai trabalhando com patrão, gente que mexia com trabalho de solva (*sic*), castanha, borracha, papaíba, pirarucu, um peixe que existe aqui, muitos outros tipos de peixe, jacaré, que não era proibido. Aí a gente vai fazendo, vai vivendo uma produção boa, ne! Aí tem tempo, pronto, aquele negócio volta pra trás de novo, né! A gente fica perdido de novo. Então existe isso, é um lugar intricado, sabe, questionado assim, pelo que a gente..., pelas lei. Todo o tempo existiu aquela lei em cima daqui dentro, né, do começo do mundo, né, que eu conheci, né! A gente vivia aqui dentro pescando, mas sempre tinha moradô que tavam em riba da lei, né! Em riba do otro. Aí... passô uns tempos e marenô, parô. Mas sempre, nunca deixô de não te, né! Sempre aquela briga todo tempo, até hoje. Diz que existe uma cobra lá naquela ponta, lá em cima, no poço preto, exatamente. Então, como meu avô, falecido meu avô, pouco tempo, mas eu ainda alcancei ele ainda vivo, ainda vi ele, tem uns dez anos hoje, ele dizia pra essa minha mãe, hoje saí, pro rio, pra pescá, ele dizia, hoje a cobra comeu os

pirarucu, não tem, eu vim mimbora. E no outro dia, tava fervilhando de pirarucu no lago. A cobra tinha escondido, aí ela soltava os pirarucu, tanto que diz que tem um mistério aqui dentro desse Cuniã. Você faz projetos e projetos e vira e mexe e no fim não dá certo. É ela que é dona. Falam que era uma índia, né! Então botaram índia Cuniã, como é, lago do Cuniã. Essa índia se encantô, se transformô numa cobra. Então vi de primeiro, vi o pessoal falá que viu ela, né! Viu o remoço dela, né! Nunca que eu vi não, mas tinha gente que viu. Via o... é, mexia a água, via um vulto, alta horas da noite, boiava dentro d'água, botô gente ainda pra ... pra sair em terra, pra correr. E lá é um pedaço, na época de seca, que fica o lago baxo, de um metro, mais de um metro e meio lá não topa! É uma fundura... solta uma linha com peso vai, vai, vai, vai até e não alcança, o chão. Eu sô, eu sô moradô muitos anos aqui, eu não ando assim, altas horas da noite. Já andei muitas camba porque eu, tem época, agora, hoje, aqui existe a lei, uma lei, tem o IBAMA, ele é que é o dono daqui, né! É uma reserva, então hoje existe uma lei, então nois cumpre aquela lei, como da pesca, nós temo tempo que pesca, otro não. Pesca um peixe otro não, né, pra protegê, pra... aí... porque vai acabá. Ah, os moradô vai acabá... Hoje nós tem uma destruição muito grande aqui dentro de peixe, é, mas é uma mina mostra, porque eu acho que ela vai acabá, vai acabá porque nós tem jacaré, nós tem o biguá, que é um pássaro, e tem, não tem, um que conte ele... e tem e passarau, hoje. Tem otros tipo de animau, e tem, fora o boto, a lontra e o homem! E fora os otros animauzinho pequeno como o socó, a garça, o manguari, o carará, a ariramba, tudo, a gaivota, tudo come peixe. Isso ninguém se mete na conta. Esse é o... e aí vem o biguá, que esse não tem ... quantia esse não tem quem conte. Só no computador talvez chegue lá no passarau...e pra controlá ele... dá milhões e milhões de animau. Aí dá o que, uma faixa entre, calculadamente vinte tonelada por almoço e vinte na janta, quantas toneladas de peixe não sai durante um dia. Tem 20 anos, perai, em 68 foi a última matação de jacaré dentro do Cuniã, 68, foi, foi a proibição. Não, até agora não tem ainda liberação. Ah, é! Tem aquele projeto ainda do jacaré. Mas isso aí vai sê um controlo, em manejo, né, pra mata os jacaré. É, aí vai tê, é pra equilíbrio. Isso aí vai tê em quantia. Eu não sei nem falá em quanto a gente vai matá, por etapa, se é por manejo, é assim bom. Óia, nessas água aí, eu cansei de sair com meus colegas, da minha idade, nós se ajuntava domingo, nós ia pulá lá do olho daquele pau n'água. Aquilo era um... ficava até nove horas, dez horas. Hoje ninguém pode mais fazê isso.

4 ORGANIZAÇÃO DOS DADOS PARA COTEJAMENTO

Cidade submersa

Versão de Chico Paula (1993): [...]. A cidade encantada no fundo do lago deve ser a coisa mais linda do mundo... um encanto mesmo. Já diziam os antigos que é a coisa mais linda. As pessoas são encantadas ... elas viram qualquer coisa ... qualquer coisa o encantado vira... um Boto ... uma cobra ... qualquer bicho ... qualquer coisa mesmo. Mas não e sabe porque se encantaram não. [...];

Versão de João da Silva (2009): Ø (4);

Origem

Versão de Chico Paula (1993): [...] dizem que é um dos Moura que se encantou ali ... [...];

Versão de João da Silva (2009): [...]Falamos que era uma índia, né! Então botaram índia Cuniã, como é, lago do Cuniã. [...],

Nome

Versão de Chico Paula (1993): Ø (4)

<p><u>Versão de João da Silva</u> (2009): [...]. Falam que tem uma cobra grande aqui no Cuniã, [...]. Botaram o nome de Cuniã porque ela é..., o nome dela é Cuniã.[...];</p>
<p>Tamanho <u>Versão de Chico Paula</u> (1993): [...]. ... Ela é grande ... a cabeça dela é mais ou menos assim do tamanho desses meus dois braços abertos.... grande mesmo. [...]. Um dia um sujeito passou de avião ... ela estava de mai água ... então ele baixou o avião pra ver direito. Ele disse que é uma coisa grande... [...]; <u>Versão de João da Silva</u> (2009): Falam que tem uma cobra grande aqui no Cuniã, [...];</p>
<p>Forma <u>Versão de Chico Paula</u> (1993): [...]. ... dizem que é uma cobra sem feitio... [...]. <u>Versão de João da Silva</u> (2009): Ø (4);</p>
<p>Encantamento <u>Versão de Chico Paula</u> (1993): [...]. Aqui no lago tem também uma cobra num lugar chamado Poço Preto ... que é encantada... dizem que é um dos moura que se encantou ali. [...]; <u>Versão de João da Silva</u> (2009): [...], tanto que diz que tem um mistério aqui dentro desse Cuniã. [...]. Essa índia se encantô, se transformô numa cobra. [...];</p>
<p>Poder <u>Versão de Chico Paula</u> (1993): [...]... ela não vai sair daí não vai ficar aí todo o tempo... é a dona daqui do lago. [...]; <u>Versão de João da Silva</u> (2009): [...]. Falam que tem uma cobra grande aqui no Cuniã, que á dona do Cuniã. [...]. É ela que é dona. [...];</p>
<p>Personalidade <u>Versão de Chico Paula</u> (1993): [...] ... mas se ela fosse uma cobra braba o primeiro que tinha passado na barriga dela era eu. Ela vive aí mas nunca mexeu com ninguém. [...]; <u>Versão de João da Silva</u> (2009): [...] , botô gente ainda pra ... pra sair em terra, pra correr. [...];</p>
<p>Localização <u>Versão de Chico Paula</u> (1993): [...]. Aqui no lago tem também uma cobra num lugar chamado Poço Preto ... [...]; <u>Versão de João da Silva</u> (2009): [...]. Diz que existe uma cobra lá naquela ponta, lá em cima, no poço preto, exatamente. [...]. Falam que tem uma cobra grande aqui no Cuniã, [...]. E lá é um pedaço, na época de seca, que fica o lago baxo, de um metro, mais de um metro e meio lá não topa! É uma fundura... solta uma linha com peso vai, vai, vai, vai até e não alcança, o chão. [...];</p>
<p>Comprovações <u>Versão de Chico Paula</u> (1993): [...]. Já vi uma vez boiando ... eu mais o João Prata ... nós vimos a cabeça dela boiando lá onde é o poço ... Nós íamos pegar tucunaré lá do outro lado ... eu olhei e tava aquele troção boiando lá no meio do lago. Eu disse: “Olha João ... a cobra tá boiando ali”. “Cadê?”. “Olha a tronqueira acolá!”. “É nada rapaz!”. Eu disse: “É sim!”. Bom ... eu olhei e já não tava mais.... “Eu digo que era ela! Agora atravessa o lago que eu quero ver!”. Nós arrudeamos lá pelo barreiro e de lá varamos pró lado das bandas do</p>

Ernesto e viemos por esse lado. Não viemos por lá de jeito nenhum. E era ela. [...]. Um dia um sujeito passou de avião ... ela estava de meia água ... então ele baixou o avião prá ver direito. Ele disse que é uma coisa grande ... [...]. Não sei se é verdade... mas no mundo existe muita coisa. [...];

Versão de João da Silva (2009): [...]. Então vi de primeiro, vi o pessoau falá que viu ela, né! Viu o remoço dela, né! Nunca que eu vi não, mas tinha gente que viu. Via o... é, mexia a água, via um vulto, alta horas da noite, boiava dentro d'água, [...].E lá é um pedaço, na época de seca, que fica o lago baxo, de um metro, mais de um metro e meio lá não topa! É uma fundura... sóta uma linha com peso vai, vai, vai, vai até e não alcança, o chão. [...];

Maldição da cobra

Versão de Chico Paula (1993): [...]. Aqui nesse Cuniã ninguém nunca vai pra diante... acho que a Cobra Grande não quer. Eu sei é que nada dá certo. Não sei quantos comerciantes já nesse Cuniã desde quando eu me entendo de gente e nunca nenhum deles foi prá frente. Ele vai prá frente e Ele vai prá frente e dá prá trás ... e dá prá trás que às vezes fica de nada. O dono desse lugar aí eu conheci ele com uma loja e uma taberna. Tinha de tudo. Comprou uns gados de minha mãe ... botou por aí ... e o gado dele aumentava ... aumentava ... quando chegava naquele instante o bicho morria ... ficava naquele tatinho que era. A taberna foi dando e ele arrumou um seringal ... tinha muito freguês cortando seringa ... pegando muita borracha ... muita sova ... e tinha o comércio dele .. aí foi dando prá trás ... foi dando prá trás ... ficou sem nada ... sem nada ... nada ... nada ... acabou-se a loja do homem ... e o gado não passou de cinco cabeças ... tinha vinte cabeça de rês e morria ... morria e ficava naquele tatinho que era e afinal ele foi embora daqui. Vendeu o lugar e foi embora porque não tava dando dinheiro ... mas ele era trabalhador ... só não trabalhava de noite porque de noite não se enxerga-se não. [...];

Versão de João da Silva (2009): [...]. Então, tudo o que o Cuniã aqui projeta nada dá certo. Só que aí esse Cuniã vem de muitos anos e os projetos que a gente faz não dá em nada. É ela quem manda. A gente nasceu aqui, a gente se criou aqui, a gente convive aqui muitos anos. Aí tem tempo que a gente vai tão bem, mas daí os negócios dão pra trás, né! Conheci meu pai trabalhando com patrão, gente que mexia com trabalho de sóuva (*sic*), castanha, borracha, papaíba, pirarucu, um peixe que existe aqui, muitos otros tipos de peixe, jacaré, que não era proibido. Aí a gente vai fazendo, vai vivendo uma produção boa, né! Aí tem tempo, pronto, aquele negócio volta pra trás de novo, né! A gente fica perdido de novo. Então existe isso, é um lugar intricado, sabe, questionado assim, pelo que a gente..., pelas lei. [...]. Então, como meu avô, falecido meu avô, poco tempo, mas eu ainda alcancei ele ainda vivo, ainda vi ele, tem uns dez anos hoje, ele dizia pra essa minha mãe, hoje saí, pro rio, pra pescá, ele dizia, hoje a cobra comeu os pirarucu, não tem, eu vim mimbora. E no otro dia, tava fervilhando de pirarucu no lago. A cobra tinha escondido, aí ela soutava os pirarucu, tanto que diz que tem um mistério aqui dentro desse Cuniã. [...].Você faz projetos e projetos e vira e mexe e no fim não dá certo. [...];

Consciência política

Versão de Chico Paula (1993): Ø (4)

Versão de João da Silva (2009): [...]. Então existe isso, é um lugar intricado, sabe, questionado assim, pelo que a gente..., pelas lei. Todo o tempo existiu aquela lei em cima daqui dentro, né, do começo do mundo, né, que eu conheci, né! A gente vivia aqui dentro pescando, mas sempre tinha moradô que tavam em riba da lei, né! Em riba do otro. Aí... passô uns tempos e marenô, parô. Mas sempre, nunca deixô de não te, né! Sempre aquela

briga todo tempo, até hoje. [...];

Consciência ecológica

Versão de Chico Paula (1993): Ø (4)

Versão de João da Silva (2009): [...]. Ah, os moradô vai acabá... Hoje nós tem uma destruição muito grande aqui dentro de peixe, é, mas é uma mina monstra, porque eu acho que ela vai acabá, vai acabá porque nós tem jacaré, nós tem o biguá, que é um pássaro, e tem, não tem, um que conte ele... e tem e passarau, hoje. Tem os otros tipos de animais, e tem, fora o boto, a lontra e o homem! E fora os otros animalzinho pequeno como o socó, a garça, o manguari, o carará, a ariramba, tudo, a gaivota, tudo come peixe. Isso ninguém se mete na conta. Esse é o... e aí vem o biguá, que esse não tem ... quantia esse não tem quem conte. Só no computador talvez chegue lá no passarau...e pra controlá ele... dá milhões e milhões de animau. Aí dá o que, uma faxa entre, calculadamente vinte tonelada por almoço e vinte na janta, quantas toneladas de peixe não sai durante um dia. Tem 20 anos, peráí, em 68 foi a última matação de jacaré dentro do Cuniã, 68, foi, foi a proibição. Não, até agora não tem ainda liberação. [...]

Denúncia de desequilíbrio ecológico

Versão de Chico Paula (1993): Ø (4)

Versão de João da Silva (2009): [...]. Eu sô, eu sô morador muitos anos aqui, eu não ando assim, altas horas da noite. Já andei muitas camba porque eu, [...], porque vai acabá. Ah, os moradô vai acabá... Hoje nós tem uma destruição muito grande aqui dentro de peixe, é, mas é uma mina monstra, porque eu acho que ela vai acabá, vai acabá porque nós tem jacaré, nós tem o biguá, que é um pássaro, e tem, não tem, um que conte ele... e tem e passarau, hoje. Tem os otros tipos de animais, e tem, fora o boto, a lontra e o homem! E fora os otros animalzinho pequeno como o socó, a garça, o manguari, o carará, a ariramba, tudo, a gaivota, tudo come peixe. Isso ninguém se mete na conta. Esse é o... e aí vem o biguá, que esse não tem ... quantia esse não tem quem conte. Só no computadô talvez chegue lá no passarau...e pra controlá ele... dá milhões e milhões de animau. Aí dá o que, uma faxa entre, calculadamente vinte tonelada por almoço e vinte na janta, quantas toneladas de peixe não sai durante um dia. Tem 20 anos, peráí, em 68 foi a última matação de jacaré dentro do Cuniã, 68, foi, foi a proibição. Não, até agora não tem ainda liberação.[...]. Óia, nessas água aí, eu cansei de sair com meus colegas, da minha idade, nós se ajuntava domingo, nós ia pulá lá do olho daquele pau n'água. Aquilo era um... ficava até nove horas, dez horas. Hoje ninguém pode mais fazê isso. [...];

Personificação (ou desencantamento)

Versão de Chico Paula (1993): Ø (4)

Versão de João da Silva (2009): [...] tem época, agora, hoje, aqui existe a lei, uma lei, tem o Ibama, ele é que é o dono daqui, né! É uma reserva, então hoje existe uma lei, então nois cumpre aquela lei, como da pesca, nós temo tempo que pesca, otro não. Pesca um peixe otro não, né, pra protegê, pra... aí... [...].

5 ANÁLISE

Cotejando os dados acima apresentados, observa-se que a espinha dorsal do mito da “cobra grande do poço preto do lago do Cuniã” permanece inalterada em ambos os relatos, mesmo decorridos

dezesseis anos entre as duas coletas. Assim, tanto a versão de 1993, quanto a de 2009 falam da mesma origem do mito, do tamanho da cobra em igual proporção, do encantamento que lhe deu origem, do mesmo local de habitação; ambas apresentam provas semelhantes de sua existência e falam da mesma maldição que paira sobre o lago.

Uma observação mais acurada, porém, permite perceber algumas diferenças significativas entre as duas narrativas. A primeira delas, a versão de 1993, se refere ao caráter da cobra, um ofídio inofensivo para os habitantes daquela região; já no relato de 2009, ela é um ofídio que “bota gente pra correr”. Outra diferença importante entre os relatos diz respeito aos chamados “vazios informativos”. A versão de 2009, por exemplo, nada diz a respeito da “cidade encantada e submersa no fundo do lago”; a de 1993, por outro lado, não menciona o nome da cobra e nada fala a respeito de política e de ecologia.

Há muitas motivações e outras tantas interpretações para essas constatações. O referencial teórico abordado acima, porém, permite considerá-las como frutos da dinâmica da vida, reflexos das mudanças sociais por que passa a comunidade do lago do Cuniã. Essa constatação parece estar em sintonia com o que dizem, respectivamente, Campbel (1997, p. 7) e Ferreira Netto (2008, p. 73).

O material do mito é o material da nossa vida, do nosso corpo, do nosso ambiente; e uma mitologia viva, vital, lida com tudo isso nos termos que se mostram mais adequados à natureza do conhecimento da época; [...] a mudança social tem seu reflexo nas narrativas produzidas e, caso não passem por esse processo de adaptação à nova realidade, perderão completamente a credibilidade e serão transformadas em formas folclóricas, caso se mantenham existindo.

De fato, depois que os mura (5) ou moura, como dizem alguns moradores do Cuniã, foram dominados (talvez dizimados) pelos “brancos” na histórica colonização da região amazônica ou miscigenados (COSTA, 1997) aos migrantes nordestinos e amazonenses ali aportados em busca da riqueza da borracha no final do século XIX e início do século XX (1º ciclo) (6), os moradores dessa região lacustre, abandonados à própria sorte após o Brasil perder a primazia do monopólio da produção do látex, “vão levando a vida do jeito que dá”. Pouco adianta, para essa sofrida população, a sobrevida que o produto do caucho proporcionou entre 1942 e 1945 (2º ciclo) durante a II Guerra Mundial (1939-1945). O pior estava ainda por vir, conforme relata Costa (1997, p. 8 e 9):

Em 1981, a Secretaria Especial do Meio Ambiente – SEMA [...] entra no Programa de Desenvolvimento Integrado do Noroeste do Brasil – POLONOROESTE. O objetivo era criar cinco unidades de conservação ambiental no Estado, a fim de minimizar o impacto ambiental causado pela implantação dos projetos de colonização. O que entra em jogo é, na verdade, a implantação de um novo modelo de preservação ambiental concebido por agências internacionais. [...]. O impacto ambiental causado pelos projetos de colonização foi de ação extremamente danosa ao meio ambiente, entretanto, a própria ação do governo exigia isto, pois somente obtinha o título da terra quem comprovadamente fizesse benfeitorias. O desmatamento é considerado “benfeitoria”. Tardiamente, há uma preocupação de manter áreas de reserva. Entram em cena personagens que até então não tinham merecido a devida atenção do Governo: os índios, os seringueiros, os ribeirinhos, enfim, os chamados “povos da floresta”. Desses grupos sociais, somente os ribeirinhos ficaram à margem das discussões a respeito do meio ambiente. A área de Cuniã estava inserida em um projeto de desenvolvimento governamental.

que procurava formar no vale do Rio Madeira a jusante de Porto Velho, uma grande área de pastagem, objetivando a formação de uma bacia leiteira que abastecesse a capital do Estado. Esse é um projeto que o INCRA estará empenhado em desenvolver no início da década de 80, e a Gleba Cuniã seria loteada para fins pecuários. (7)

O programa da SEMA, como descreve Costa (1997, p. 9), não inclui a área do Cuniã, cujo destino ainda mais funesto já tinha sido traçado no ano anterior pelo INCRA, ou seja, “*a Gleba Cuniã seria loteada para fins pecuários*”. Essa decisão colocou em polvorosa os moradores do Cuniã. Além de outros enormes equívocos, “*o planejamento estatal resolveu que todos receberiam uma indenização e sairiam de Cuniã para que a natureza fosse salva*”. (COSTA, 1997, p. 9). Era o Estado tratando com maior respeito e condescendência os jacarés e as piranhas, ressalta o autor, do que os seres humanos ali viventes. A partir dessa decisão, começa um embate entre o INCRA e moradores do Cuniã. Muitos deles aceitam a indenização e deixam a região; outros, mais resistentes, resolvem ficar, fundam uma associação, a Associação dos Moradores de Cuniã - ASMOCUN - e encaminham sua luta politicamente. O desfecho feliz só vai ocorrer no final da década de 90, quase vinte anos depois da iniciativa desastrosa do IBAMA, por meio da promulgação do Decreto Federal N° 3.238, de 10 de Novembro 1999 que cria a Reserva Extrativista do Lago do Cuniã.

DECRETO N° 3.2328, de 10 de novembro de 1999

Art. 1º Fica criada a Reserva Extrativista do Lago do Cuniã, com área aproximada de cinquenta e cinco mil, oitocentos e cinquenta hectares, no Município de Porto Velho, Estado de Rondônia, com o objetivo de garantir a exploração autossustentável e a conservação dos recursos naturais renováveis tradicionalmente utilizados pela população extrativista da área. (7)

Muito embora a narrativa produzida em 1993 tenha sido colhida treze anos depois da decisão do IBAMA, não se observam reflexos explícitos às verticais mudanças sociais ocorridas na comunidade dos ribeirinhos do lago do Cuniã por conta da decisão estatal. Seu relato repete as formas canônicas do mito da “cobra grande” consagrados no site :

[...] um moura se encantou ali no poço preto, ela é encantada... dizem que é um dos moura que se encantou ali. [...] ela é grande [...], [...] é a dona daqui do lago, [...] Já vi uma vez boiando [...] eu mais o João Prata [...] nós vimos a cabeça dela boiando lá onde é o poço [...], Aqui nesse Cuniã ninguém nunca vai pra diante [...] acho que a Cobra Grande não quer. Eu sei é que nada dá certo [...].

Impressões semelhantes também constam na narrativa de 2009. Diferente do relato produzido em 1993, o de 2009, porém, é todo politizado. Seu autor não cita explicitamente a decisão do Estado brasileiro ocorrida em 1980, mas seu discurso denunciatório e reivindicatório reflete as ações originadas a partir da criação da ASMOCUN, associação fundamental para a organização e permanência dos moradores nas cercanias do lago consagradas pelo Decreto Federal de 1999:

[...]. Então existe isso, é um lugar intricado, sabe, questionado assim, pelo que a gente..., pelas lei. Todo o tempo existiu aquela lei em cima daqui dentro, né, do começo do mundo, né, que eu conheci, né! A gente vivia aqui dentro pescando, mas sempre tinha moradô que tavam em riba da lei, né! Em riba do otro. Aí... passô uns tempos e marenô, parô. Mas sempre, nunca deixô de não te, né! Sempre aquela briga todo tempo, até hoje. [...].

Sintonizado com os novos tempos, com a presença de mídias em seu espaço vivencial (Rádio, TV, Celular, Internet), que lhe dão acesso a novos paradigmas comportamentais (MchLuhan, 1979), as redes de significações que suprimem idealizações comportamentais locais e acrescentam idealizações de outros procedimentos que atuam como formas exemplares de agir (Ferreira Netto, 2008), o autor da narrativa de 2009 insere em seu relato a questão ecológica do seu entorno e a vê como problemática:

[...]. Ah, os morador vai acabá... Hoje nós tem uma destruição muito grande aqui dentro de peixe, é, mas é uma mina monstra, porque eu acho que ela vai acabá, vai acabá porque nós tem jacaré, nós tem o biguá, que é um pássaro, e tem, não tem, um que conte ele [...] e tem e passarau, hoje. Tem os otros tipos de animais, e tem, fora o boto, a lontra e o homem! E fora os otros animalzinho pequeno como o socó, a garça, o manguari, o carará, a ariramba, tudo, a gaivota, tudo come peixe. [...].

O autor da narrativa está consciente da importância do pensamento ou da ação política na produção de mudanças sociais na melhoria da qualidade de vida da comunidade. Além disso, reflexo pontual das mudanças sociais por que passou e passa a comunidade dos ribeirinhos do lago do Cuniã, a “cobra grande” do lago do Cuniã toma nova configuração. Ela não perde seu *status* de “dona do lago”, mas deixa seu lado encantado e ofídico para se transformar num órgão estatal regulatório, um novo IBAMA, este, sim, em sintonia, segundo o informante, com os anseios da comunidade lacustre:

[...] tem época, agora, hoje, aqui existe a lei, uma lei, tem o IBAMA, ele é que é o dono daqui, né! (9) É uma reserva, então hoje existe uma lei, então nois cumpre aquela lei, como da pesca, nós temo tempo que pesca, otro não. Pesca um peixe otro não, né, pra protegê. [...].

Como explicar a neutralidade político-ecológica do autor da narrativa de 1993? Infelizmente não é mais possível fazer-lhe essa pergunta. Todavia, alguns fatores podem, talvez, explicar a ausência de reflexos explícitos das mudanças sociais no seu relato. O primeiro deles, provavelmente o mais contundente, a concepção ortodoxa que ele tinha de mito, uma narrativa que deve ser preservada tal como legada pelos antepassados. A época em que as decisões políticas ocorreram e a idade dos narradores podem também explicar as inserções no relato de 2009 em relação ao de 1993. No início da década de 80, o autor da primeira narrativa já contava com 57 anos de idade e, em 1999, ano da assinatura do decreto federal, com 70. Diferentemente disso, em 1980 o autor da segunda narrativa tinha 21 anos e em 1999, 40. É provável que o engajamento na luta para reverter a decisão governamental do início da década de 80 tenha sido mais intensa ao mais jovem. Além disso, as mudanças sociais na comunidade do Cuniã ocorreram de fato a partir da assinatura do Decreto quando o autor da primeira narrativa já se encaminhava para os 80 anos. Contrariamente a isso, coube ao autor

da segunda narrativa, líder comunitário e no vigor de seus 40 anos, promover entre seus pares as mudanças que o decreto federal facultava.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do cotejamento entre duas narrativas míticas produzidas num espaço intervalar de dezesseis anos, ainda que um tempo extremamente reduzido para a ocorrência de reflexos em narrativas míticas, parece ter ficado evidente, à luz da literatura disponível, que:

- a) “*O material do mito é o material da nossa vida, do nosso corpo, do nosso ambiente*” (CAMPBELL, 1991);
- b) “*Uma mitologia viva, vital, lida com tudo isso nos termos que se mostram mais adequados à natureza do conhecimento da época*”. (CAMPBELL, 1991)
- c) “*A mudança social tem seu reflexo na narrativa produzida*” (FERREIRA NETTO, 2008) pelo autor do segundo relato;
- d) “*A dinâmica da transformação do comportamento das personagens resulta da mudança dos vínculos de estados intencionais*” (BRUNER, 1991; FERREIRA NETTO, 2008) no segundo relato examinado.

REFERÊNCIAS

BRUNER, J. The narrative construction of reality. **Critical Inquiry**, v. 8, n. 1, p. 1-21, 1991.

CALDAS, A. L. **Nas águas do texto: palavra, experiência e leitura em história oral**. Porto Velho,(RO): EDUFRO, 2001.

COSTA, J. Mito e lugar: parte II. **Revista de educação, cultura e meio ambiente**, v. 1, n. 10, dez. 1997.

FERREIRA NETTO, W. **Tradição oral e produção de narrativas**. São Paulo: Paulistana, 2008.

MACLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1979.

MALINOWKI, B. **Magia, ciência e religião**. Lisboa: Edições 70, 1984.

REIS, R. The impact of television viewing in the brazilian amazon. **Human organization**, v. 3, n. 57, p. 300-314, 1998.

RESERVA EXTRATIVISTA DO LAGO DO CUNIÃ – DECRETO DE CRIAÇÃO. Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br/resex/cunia/opdecret.htm>>. Acesso em: 6 set. 2011.

VEGINI, V.; VEGINI, R. L. **Tradição oral no contexto amazônico**: a lenda da cobra do Cuniã. Porto Velho,(RO): ABRALIN EM CENA, 2010.

NOTAS

(1) Artigo científico referente a essa narrativa foi apresentado no congresso da ABRALIN (“ABRALIN EM CENA-RONDÔNIA”) realizado em Porto Velho entre os dias 16 a 18 de setembro de 2010 sob o título “Tradição oral no contexto amazônico: a lenda da cobra do Cuniã”.

(2) Povo indígena que habitava a região lacustre do Cuniã.

(3) Texto transposto *ipsis litteris*.

(4) Vazio de informação.

(5) Povo indígena que habitava a região lacustre do Cuniã.

(6) Fato eternizado no mito da “moça jovem” que se torna “a cobra grande do poço preto” do lago do Cuniã.

(7) Grifo nosso.

(8) Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br/resex/cunia/opdecret.htm>>. Acesso em: 6 set. 2011.

(9) Grifo nosso.